

A carta
enig
má
tica

bistrô

Natália Mansan

Copyright © 2026 Natália Mansan.

A carta enigmática

Autora: Natália Mansan

Ilustração e design de capa: Matheus Brito

1ª Edição, 2026.

Esta obra integra a campanha Além do Emoji, idealizada e desenvolvida pela Agência Bistrô. Um projeto criado com finalidade educativa e de conscientização para o público infantojuvenil, com potencial de aplicação por educadores em contextos escolares e informativos.

-

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, incluindo fotocópia, gravação, digitalização ou armazenamento em sistema de banco de dados — sem a expressa autorização da autora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Nota inicial

Este livro nasce da necessidade de nomear, compreender e interromper violências que, muitas vezes, chegam às crianças e aos adolescentes de forma disfarçada, simbólica ou naturalizada. A misoginia é uma delas. Embora seja um fenômeno social complexo, ela atravessa cedo as relações, as linguagens e os gestos cotidianos, manifestando-se já na infância e intensificando-se na adolescência, inclusive no contexto escolar.

A carta enigmática foi concebida como um livro de mediação, destinado a educadores, educadoras e famílias que desejam abrir espaços seguros de escuta, diálogo e reflexão com crianças e adolescentes a partir dos 10 anos. A narrativa aborda sentimentos intensos, conflitos éticos e situações de violência simbólica que exigem acompanhamento sensível e responsável.

Por isso, este não é um livro indicado para leitura solitária ou descontextualizada. Ele pressupõe a presença de um adulto atento, disposto a conduzir conversas, acolher perguntas, sustentar silêncios e ajudar a transformar desconfortos em aprendizagem. A história convida à discussão sobre respeito, gênero, convivência e responsabilidade, reconhecendo que educar também implica enfrentar temas difíceis, com cuidado, intencionalidade e compromisso ético.

Ao envolver escola e família, o livro reafirma que o enfrentamento da misoginia não é tarefa individual, mas coletiva. Educar para relações mais justas e respeitadas é um trabalho contínuo, que se constrói no diálogo, na escuta e na coragem de não silenciar diante da violência. Que esta leitura seja um ponto de partida. Não para oferecer respostas prontas, mas para provocar perguntas, fortalecer vínculos e reafirmar o papel da educação, dentro e fora da escola, na formação de sujeitos conscientes, sensíveis e responsáveis.

Natália Mansan



Em um vilarejo localizado no interior, vivia uma menina chamada Lorena. Ela morava com os pais e estudava em uma escola próxima de casa. Lorena cursava o sexto ano do Ensino Fundamental. Era uma aluna muito aplicada: tirava boas notas e se dedicava aos estudos.

Na escola, Lorena tinha muitos amigos, mas Antônia era sua melhor amiga. Era com ela que Lorena dividia absolutamente tudo o que pensava, sentia e acreditava sobre o mundo e sobre a vida. No grupo de amigos das duas havia muitas meninas e alguns meninos. Eles eram bastante unidos e compartilhavam muitos momentos juntos, dentro e fora da escola.

Nos últimos tempos, o grupo havia começado a falar abertamente sobre de quem gostavam e prometido guardar esses segredos apenas entre eles. Eram leais uns aos outros, e isso fortalecia ainda mais os laços de amizade, fazendo com que desejassem estar cada vez mais próximos.

Nessa ocasião, Lorena contou ao grupo que, naquele momento, não gostava de ninguém. Nenhum menino da turma chamava sua atenção. Os amigos a acolheram e disseram que, em breve, alguém poderia surgir e despertar seu interesse, talvez com um gesto inesperado que a surpreendesse. Disseram que era um processo natural, algo que todos ali estavam começando a vivenciar.

Os alunos do sexto ano estavam na semana de provas, todos muito empenhados em realizar as avaliações com sucesso para, enfim, se liberarem para as férias de inverno que se aproximavam. Era uma quarta-feira e, naquela manhã, a turma faria uma prova de matemática.



Lorena e Antônia estavam tranquilas. Havia estudado juntas nos dias anteriores, revisado toda a matéria e feito perguntas uma para a outra. Tinham ido muito bem na prova oral que haviam preparado.

Ao chegarem à escola, cumprimentaram os amigos e se organizaram para realizar a tão esperada avaliação. Lorena era bastante cautelosa: resolvia a prova e, em seguida, revisava cada questão com atenção. Por causa disso, costumava demorar um pouco mais do que os colegas.

Enquanto ela fazia a revisão, os outros alunos iam entregando as provas na mesa da professora e se liberando para o intervalo. Aos poucos, a sala foi esvaziando. Foi nesse momento que Maurício, um colega que quase não interagia com Lorena nem com seu grupo de amigos, passou por sua carteira e deixou uma carta sobre a mesa, sem dizer absolutamente nada. Lorena se surpreendeu. Não abriu a carta, pois temeu que a professora interpretasse aquilo como algum tipo de “cola”. Assim, deixou o envelope sobre a mesa e terminou a

revisão. Quando finalmente entregou a prova, saiu para o intervalo com a carta na mão.

Ainda no corredor, tomada pela curiosidade, Lorena abriu a carta e se deparou com vários emojis desenhados pelo colega Maurício. Seria uma carta enigmática? O que aqueles símbolos significavam? Para ela, não faziam o menor sentido. Confusa, guardou a carta no bolso e seguiu para o pátio, onde encontraria os amigos. Antônia já a esperava na descida das escadas. Perguntou sobre a prova, mas Lorena mal conseguiu responder: foi direto contar sobre a carta que havia recebido.

Por um instante, entre a abertura da carta e a descida das escadas, Lorena imaginou que Maurício pudesse estar gostando dela e que aquela mensagem misteriosa revelasse um carinho especial. Empolgada, contou à melhor amiga sobre a carta e sobre essa possibilidade.

Antônia comemorou, abraçou a amiga e, curiosa, abriu o papel. Enquanto Lorena observava, animada, o sorriso de Antônia começou a desaparecer. A expressão da amiga foi

mudando aos poucos, tornando-se séria e visivelmente desapontada. Diante daquele monte de emojis, Antônia compreendeu muito bem a mensagem que eles transmitiam.

Intrigada, Lorena perguntou o que Antônia havia entendido e por que parecia tão abalada. Em silêncio, Antônia puxou a amiga para um lugar mais reservado, onde pudessem conversar com privacidade.

Indignada, explicou que a carta não era nenhuma declaração de afeto. Pelo contrário: trazia uma mensagem de ódio dirigida a Lorena simplesmente por ela ser uma menina. Segundo Antônia, o menino parecia nutrir desprezo pelas meninas e havia escolhido Lorena para expressar sua violência por meio daquela mensagem disfarçada em símbolos. Ao ouvir isso, Lorena ficou profundamente triste. Não conseguia entender como alguém poderia fazer algo assim.

Muito curiosa, Lorena perguntou à amiga como ela havia conseguido traduzir a mensagem da carta. Como Antônia conhecia os



significados daqueles emojis e daquela combinação estranha de símbolos? Antônia explicou que aquela era uma linguagem própria do mundo virtual. Era comum que meninos e meninas usassem emojis nas redes sociais para expressar sentimentos e enviar mensagens uns aos outros. O menino, provavelmente, acreditava que Lorena dominava esses códigos. Mas Lorena não tinha acesso às redes sociais. Havia um combinado em sua família: somente aos 16 anos poderia entrar nesse tipo de ambiente virtual. Seus pais acreditavam que redes sociais não eram lugares adequados para crianças e adolescentes. Lorena concordava com eles. Não sentia falta desse espaço, até porque mantinha uma relação diária, próxima e real com seu grupo de amigos, o que supria qualquer outra forma de comunicação.

Em poucos minutos, Lorena foi tomada por muitos sentimentos. Além da tristeza por ter recebido uma carta ofensiva, sentiu vergonha por ter sido escolhida como alvo. Por que ela? O que teria despertado naquele menino um ódio tão grande? Sentiu também raiva. Como

alguém podia ter coragem de agir com tamanha crueldade? Ela não havia feito nada para merecer aquele tipo de menosprezo. Mal trocava palavras com ele.

Enquanto conversava com a amiga, um novo sentimento começou a surgir: o desejo de vingança. Lorena sentia que precisava fazer alguma coisa, precisava reagir. Queria colocar o menino “no lugar dele” e fazê-lo entender que aquela atitude era inadmissível.

Despediu-se de Antônio e seguiu em direção à sala dos professores. A amiga ficou preocupada. Pediu que Lorena tomasse cuidado e que a procurasse se precisasse de ajuda. Lorena agradeceu, mas saiu apressada, com o coração acelerado e tomada por um forte impulso de vingança.

Lorena bateu à porta da sala dos professores e pediu para falar com a profe Marisa, que lecionava biologia para sua turma. Lorena e os colegas gostavam muito dela e confiavam em seu jeito acolhedor. Marisa era uma professora amorosa e atenta, que ensinava muito



mais do que ciências naturais e a evolução dos seres vivos. Ela ensinava sobre a vida. Falava sobre relações interpessoais, escolhas e futuro. Sempre deixava uma reflexão importante, daquelas que acompanhavam os alunos por dias, fazendo-os pensar em como melhorar a própria vida e o mundo ao redor.

Quando a profe Marisa apareceu, Lorena, visivelmente alterada, pediu que conversassem em um lugar reservado. Disse que o assunto era urgente e que precisava muito da ajuda dela. Prontamente, a professora saiu da sala dos professores e conduziu a menina até uma sala vazia, onde poderiam conversar com tranquilidade.

Assim que chegaram, Lorena contou sobre a carta enigmática enviada pelo colega. A educadora pediu para ver a carta, ouviu com atenção e acolheu a aluna com cuidado. Disse que sentia muito pelo que havia acontecido e garantiu que, juntas, encontrariam uma forma de resolver a situação.



Ainda tomada pela raiva, Lorena confessou o desejo de vingança. Marisa, com calma, explicou que aquele não era o caminho mais adequado. Falou sobre a importância de buscar medidas educativas, que ajudassem Maurício a refletir sobre sua atitude, compreender o impacto de suas ações e mudar de postura, para que algo assim não se repetisse. Nesse momento, o sinal tocou, avisando que Lorena precisava voltar para a aula. Antes de se despedirem, Marisa prometeu ajudá-la e pediu que confiasse: resolveriam o caso em breve.

Quando voltou para a sala, Lorena encontrou Antônio aflita, à sua espera. As duas se sentaram próximas e, rapidamente, Lorena explicou que a profe Marisa estava cuidando do caso. Antônio ficou aliviada e se colocou à disposição para ajudar no que fosse preciso. Lorena se sentiu muito amparada.

Aos poucos, seus sentimentos foram se acomodando, e ela conseguiu pensar de forma mais racional, deixando de agir apenas pela emoção. A manhã de aulas terminou e Lorena voltou para casa.

Na hora do almoço, contou aos pais tudo o que havia acontecido. Eles ficaram preocupados, mas acolheram a filha com carinho. Disseram que conversariam com a direção da escola e que ajudariam a resolver a situação. Mais uma vez, Lorena se sentiu protegida, cuidada e amada. Estava cercada por amigos, familiares e educadores dispostos a apoiá-la.

Com o passar do tempo, o sentimento de raiva foi dando lugar a uma postura de seriedade e responsabilidade social. Aquilo não dizia respeito apenas a ela. Era sobre as meninas, sobre as mulheres. Algo precisava ser feito.

No dia seguinte, os pais de Lorena estiveram na escola. Conversaram com a orientadora pedagógica e se colocaram à disposição para colaborar na resolução do caso. A orientadora garantiu que medidas seriam tomadas para responsabilizar o aluno envolvido e reparar os danos causados.

A profe Marisa mediou a situação e acionou o setor de orientação para que houvesse uma conversa séria com Maurício. Ao ser cha-

mado, ele confessou o que havia feito. Disse que agira movido por vingança, pois acreditava que Lorena nunca lhe dava atenção, apesar de, segundo ele, ter demonstrado interesse por ela em algumas ocasiões. Sentiu-se rejeitado e reagiu de forma violenta.

Maurício também contou que, em seu grupo de amigos, foi incentivado a escrever a carta, como uma forma de “fazer Lorena sentir” o que ele acreditava estar sentindo. Durante as conversas com a orientadora, refletiu bastante sobre suas atitudes e demonstrou compreensão sobre a gravidade do que havia feito.

Nos dias seguintes, a família de Maurício foi chamada à escola. Ao tomarem conhecimento do ocorrido, comprometeram-se a orientar o filho para que nada semelhante se repetisse. Juntos, escola e família buscaram caminhos educativos para ensinar ao menino valores fundamentais para a construção de relações respeitadas e saudáveis.

A profe Marisa promoveu, junto à turma, diversas ações e reflexões sobre gênero, res-



peito e convivência. Maurício se retratou com Lorena por meio de uma nova carta: pediu desculpas e fez uma reparação simbólica pelo que havia feito.

Embora o caso tenha sido trabalhado de forma coletiva, sem expor diretamente os envolvidos, a turma tomou conhecimento do ocorrido. As ações educativas promovidas pela escola ajudaram os alunos a compreender o que é misoginia, um termo até então desconhecido para muitos. Ficou claro para todos que a misoginia não surge do nada: ela é aprendida, reforçada e, muitas vezes, normalizada. Por isso, precisa ser interrompida. E foi exatamente isso que aconteceu na turma de Lorena.

Lorena e Maurício não se tornaram amigos. Seguiram apenas como colegas de sala, mantendo certa distância e respeito. Maurício não sofreu bullying, mas precisou lidar, por algum tempo, com silêncios e olhares sérios. Ainda assim, aprendeu muito com a situação: aprendeu sobre respeito, sobre limites e sobre formas saudáveis de convivência.

Lorena, por sua vez, conheceu um sentimento que jamais imaginara existir: o ódio dirigido a meninas e mulheres. Aprendeu também sobre a potência do feminino e sobre a força do coletivo. Entendeu que não estava sozinha.

A história da carta enigmática marcou profundamente aquela comunidade escolar. Como consequência, a escola passou a desenvolver projetos sobre o tema desde o quarto ano do Ensino Fundamental até o último ano do Ensino Médio. Professores, alunos e familiares passaram a conversar com mais frequência sobre o assunto e sobre a importância de reconhecer que a misoginia não é brincadeira e não é aceitável. Trata-se de um comportamento social que precisa ser transformado, assim como qualquer outra forma de discriminação.

Ao longo dos anos, a escola de Lorena tornou-se referência no combate à misoginia e a outras formas de preconceito.



Natália Mansan é doutoranda em Educação (PUCRS), mestra em Educação (PUCRS), especialista em Gestão da Educação (PUCRS) e pedagoga (PUCRS). Atua como coordenadora pedagógica e pesquisadora da primeira infância, com mais de 20 anos de experiência no contexto escolar. Sua produção articula pesquisa, prática educativa e escrita, com foco nas infâncias, na formação docente e nas experiências educativas sensíveis. É mãe da Betina, de oito anos. Autora dos livros *Florisibela – A Super-Heroína da Natureza*, *Florisibela – Aventuras na Escola* e *Inaiê e a Máquina do Tempo*, publicados pela editora Giostri.

Uma carta pode esconder muito mais do que palavras.

Uma carta cheia de símbolos chega às mãos de Lorena. O que parecia apenas um mistério se transforma em descoberta, dor e aprendizado. Entre amizades, silêncios e perguntas difíceis, Lorena percebe que algumas mensagens carregam mais do que palavras: carregam preconceitos, violências e histórias que precisam ser interrompidas. Com o apoio de quem cuida, escuta e educa, ela aprende que sentimentos também se transformam quando são nomeados e enfrentados. Esta é uma história sobre crescer, compreender e não aceitar o desrespeito como algo normal. Uma história sobre a força das meninas, do diálogo e da educação.

**Um livro para ler,
conversar e transformar.**